

29 DE JULHO



A RAIZ DO AMOR

O evangelista Lucas (cf. 10,38-42), depois de ter relatado a estupenda parábola do bom samaritano para demonstrar quanto é necessário o amor concreto para com o próximo a fim de poder entrar no reino messiânico, apresenta uma simpática cena acontecida durante uma das estadas de Jesus na casa de Betânia.

Certo dia, Marta, como de costume, havia recebido com alegria a comitiva e, como boa dona de casa, pôs-se logo a preparar a refeição. Não era pouca coisa providenciar alimento para treze homens com apetite dobrado depois da longa viagem desde Jericó.

Maria, ao contrário, “sentada aos pés de Jesus, escutava sua palavra” (v. 39). Marta em certo momento, chegou com muita confiança e disse: “Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha no serviço? Diz, pois, a ela que me ajude” (v. 40). Um pedido, podemos dizer, mais que legítimo. Jesus então respondeu: “Marta, Marta, tu te preocupas e te agitas com muitas coisas, mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada” (v. 41-42).

Jesus apreciava o amor concreto de Marta, mas teria preferido que, antes de começar os serviços da casa, tivesse ficado um pouco, também ela, a escutar a Palavra que lhe daria luz e sabedoria. Na tradição, Maria personificou a vida contemplativa e Marta, a ativa, às vezes injustamente contrapostas, pois a ação e a contemplação não estão em contradição, mas unidas intimamente entre si. Já Santo Agostinho diz que ninguém deve ser tão contemplativo que não o faça para a utilidade do próximo; nem tão ativo que não procure a contemplação de Deus. Na vida contemplativa, não nos deve atrair a quietude inerte, mas a busca e a descoberta da verdade como na vida ativa, não devemos amar a honra nesta terra ou o poderio, mas a fadiga. Por isso, o amor da verdade procura a contemplação, a necessidade da caridade aceita a ação. Chiara Lubich, falando às pessoas do nosso tempo, acrescenta: “Nós temos uma vida interior e uma vida exterior. Uma é florescência da outra, uma é raiz da outra, uma é da outra copa da árvore da nossa vida. A vida interior é alimentada pela vida

SANTA MARTA (SÉCULO I)

Não podemos falar de Marta sem nos lembrar ao mesmo tempo de sua irmã, Maria, e do irmão, Lázaro. Moravam em Betânia, uma aldeia a leste de Jerusalém, atrás do monte das Oliveiras, a poucos quilômetros da cidade santa.

Deviam ser de família economicamente abastada, pois puderam hospedar e dar de comer a Jesus e aos doze apóstolos quando estavam de passagem da Galileia para Jerusalém e nos últimos dias que antecederam a paixão de Cristo. Entre eles e Jesus existia uma amizade profunda, pois haviam aceitado totalmente a mensagem e a missão do Mestre e tinham colaborado com Ele, colocando à sua disposição seus bens. De sua parte, “Jesus queria muito bem a Marta, a sua irmã e a Lázaro” como observa o evangelista João (cf. 11,5). São três os fatos evangélicos que lhes dizem respeito de maneira especial.

exterior. Quanto mais eu penetro a alma de meu irmão, mais eu penetro Deus em mim, quanto mais eu penetro Deus dentro de mim, tanto mais penetro no irmão. Deus, eu, o irmão: é tudo um mundo, tudo um reino”.

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

Outro fato que nos revela a família de Betânia aconteceu um pouco antes da Páscoa (cf. Jo 11,1-44). Lázaro estava gravemente enfermo e Jesus se encontrava na Galileia. As duas irmãs rapidamente mandaram um mensageiro dizer-lhe: “Senhor, eis que teu amigo está doente” (v. 3), certas de que viria logo e o curaria, mas, quando Jesus chegou, Lázaro já tinha sido sepultado.

Marta foi a primeira a perceber a chegada do Mestre. Correu a seu encontro e lhe disse: “Senhor se tivesses estado aqui meu irmão não teria morrido! Mas eu sei que tudo o que pedires a Deus, Deus te concederá” (vv. 21-22). Jesus lhe garantiu que o irmão ressuscitaria. Maria lhe disse: “Sei que ressuscitará no último dia” (v. 24).

A resposta de Jesus foi uma daquelas que dão fundamento à inaudita esperança cristã: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá e quem vive e crê em mim, não morrerá para sempre. Crês nisto?” (vv. 25-26). A resposta foi uma sincera profissão de fé: “Sim, Senhor eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, aquele que devia vir ao mundo” (v. 27).

Maria, não sabendo da chegada de Jesus, estava em casa com parentes e amigos que tinham vindo de Jerusalém e de outras cidades vizinhas para consolar as duas irmãs. Marta voltou para casa correndo e lhe deu a notícia. Falou-lhe

às escondidas para impedir que seu encontro com o Mestre fosse perturbado pelas pessoas que pouco ou nada conheciam dele. Os parentes, vendo Maria sair de casa e pensando que fosse até o sepulcro para chorar, seguiram-na. Jesus com os apóstolos estavam esperando na estrada. Ele, depois de ter abraçado Maria e ter escutado sua queixa – “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido” –, ficou muito comovido, quis ser levado até o sepulcro e prorrompeu em prantos. Alguns dos presentes comentaram: “Vede como ele o amava!” (v. 36); outros, ao contrário começaram a rir: “Aquele que abriu os olhos do cego não poderia também impedir que ele morresse?” (v. 37).

Jesus – segundo o relato de João – ordenou que fosse retirada a pedra e Marta, pensando que quisesse ver o cadáver para última saudação, advertiu-o de que não era possível, pois estava sepultado havia quatro dias e já exalava mau cheiro. Jesus lhe disse: “Não te disse que, se cresses, verias a glória de Deus?” (v. 40).

Retirada a pedra, podia-se ver, na cavidade do sepulcro, a figura imóvel do defunto, envolvido em um lençol funerário, bem amarrado com faixas e o sudário. Jesus, depois de fazer uma oração ao Pai, gritou em voz alta: “Lázaro, vem para fora!” (v. 43). Aquele que estava morto voltou a viver neste mundo para a alegria das irmãs, em meio ao assombro das pessoas e, infelizmente, também para raiva das autoridades de Jerusalém, que não viam com bons olhos o profeta de Nazaré realizar milagres.

A CENA DA DESPEDIDA

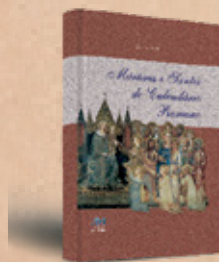
Para Marta, Maria e Lázaro, a ceia foi um momento festivo de agradecimento pelo milagre da

ressurreição de Lázaro, sem saberem que seria a última ceia de Jesus em sua casa. Seis dias antes da Páscoa, Marta servia enquanto Maria ungia os pés de Jesus com um óleo perfumado muito valioso, secando-os com seus cabelos, enchendo a casa com o aroma.

O gesto de Maria surpreendeu a todos, especialmente Judas Iscariotes, que criticou o desperdício do perfume, sugerindo que poderia ser vendido e o dinheiro dado aos pobres. Jesus, no entanto, defendeu Maria, explicando que ela estava preparando-o para o dia de sua sepultura e destacando que sua presença não seria eterna, ao contrário dos pobres.

Após a ressurreição de Jesus, não há registros específicos sobre o destino de Marta, Maria e Lázaro, embora provavelmente tenham feito parte da comunidade cristã. A ideia de que foram para Marselha, onde Lázaro teria se tornado bispo, é considerada uma lenda. O culto a essas figuras se espalhou no Oriente e em algumas regiões do Ocidente, mas o rito latino celebra apenas Marta, devido a uma identificação equivocada de Maria com Madalena.●

DICA DE LIVRO



MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO, de Enrico Pepe, publicado pela Editora Ave-Maria.